



# ADOLESCÊNCIA E USO DE DROGAS

Irinéa Catarino\*

## Resumo:

O texto aborda a psicodinâmica da adolescência, no que se refere à puberdade, à busca da identidade, à questão da sexualidade, das drogas e de outros aspectos que dizem respeito aos conflitos vividos nesta fase do desenvolvimento humano. O objetivo deste trabalho é apontar o espaço que a droga ocupa nessa passagem da vida. Com isso, queremos enfatizar que o uso de drogas pelos adolescentes não representa uma fatalidade, pode indicar apenas um momento de curiosidade, de protesto, de oposição, de auto-afirmação. Esse fato, porém, não minimiza a atenção psicopedagógica que devemos ter diante da crise vivida pelo adolescente, quando se encontra frente a frente com as drogas.

**Palavras-chave:** Adolescência, drogas, identidade

## Abstract:

This paper focuses on the psychodynamics of adolescence having in mind: the search for identity, the sexual question, the use of drugs, and other aspects related to possible existing conflicts in this developmental phase of puberty. The main objective is to identify the space drugs take up during adolescence. Emphasis is given to the fact that the use of drugs by young students does not constitute a tragedy but may just indicate a moment

of curiosity, of protest, of opposition, of self-affirmation. But it does underscore the psychopedagogical attention necessary during the crisis faced by young students on account of drugs.

**Key words:** Adolescence, drugs, identity

## Adolescência e o uso de drogas

O primeiro grande salto para a vida é o nascimento. Com ele, a criança abandona o confortável equilíbrio da existência intra-uterina e se lança no desenvolvimento de um novo mundo.

O segundo é a adolescência, o salto em direção a si mesmo, como ser individual, cuja meta é a definição de uma identidade de pessoa. A adolescência caracteriza-se principalmente por ser um período turbulento. Esse é um período da vida, no qual as contradições assumem um papel dinâmico essencial. Uma das contradições mais evidentes é a que se refere à dependência versus independência.

O estado de dependência é uma característica fundamental humana e até mesmo podemos dizer que ela é estruturante para o sujeito, porque, através de um estado de total dependência entre a relação mãe e filho, a criança vai adquirir condições de tornar-se alguém diferente e único.

Literalmente, adolescência significa o processo de crescimento. Em termos físicos, refere-se ao período de vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, geralmente nas meninas dos 12 aos 21 anos e, nos meninos, dos 14 aos 25.

A puberdade se caracteriza, basicamente, pelas transformações corporais, que são as maiores e mais visíveis modificações no adolescente. Paralelo às mudanças dos caracteres sexuais, existem ocorrências como o crescimento em altura, que acontece geralmente de forma rápida e desproporcional. O desenvolvimento dos seios nas meninas, também possível de acontecer nos meninos tendendo a regredir, a primeira menstruação, o crescimento dos testículos, o aumento do tamanho do pênis, produção de espermatozoides, todas essas mudanças tornam-se difíceis para o adolescente, podendo ocorrer a sensação de estar habitando um corpo estranho.

\* *Terapeuta de adolescente e de família. Professora, supervisora da clínica Manoel de Freitas Limeira-UNICAP. Consultora técnica na área de prevenção e tratamento das toxicomanias.*

A emergência da sexualidade e a necessidade de definição da identidade sexual e profissional, criam situações confusas para o adolescente, que perde os valores infantis antes de eleger novos valores. Percebem-se claramente as alterações no corpo do adolescente. A partir dessas percepções, as pessoas que o cercam começam a insistir, exigindo do mesmo um comportamento adulto. Isso leva, freqüentemente, a uma defensiva na qual o adolescente persiste em suas atitudes infantis, demonstrando um movimento contra seu próprio crescimento.

Entrar no mundo dos adultos significa, para o adolescente, a perda definitiva de sua condição de criança. Deixar de ser criança é mais que passar por mudanças corporais, porque o adolescente tem de, aos poucos, estabelecer uma nova relação com os pais e com o mundo.

Essa nova relação só vai ser possível quando ele elaborar o que Aberastury chama de “lutos da adolescência”, essas são reações a uma série de perdas pelas quais passa o adolescente, durante o seu desenvolvimento: o luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e o luto pela relação com os pais da infância.

### **O luto pelo corpo infantil**

Com as mudanças corporais, características desse período de desenvolvimento, o adolescente vê-se obrigado a suportar passivamente uma série de transformações em sua estrutura física. O fato de não poder fazer nada, em relação a esse corpo que se modifica, é sentido como uma profunda impotência. Esse sentimento favorece o mecanismo de deslocamento da rebelião que, ao não poder expressar-se contra o corpo que se modifica, manifesta-se na esfera do pensamento. Por isso, observamos em muitos adolescentes o predomínio de uma intelectualização onipotente, isto é, expresso numa postura provocadora, na qual ele é o dono do saber, o dono da verdade.

As discussões intelectuais expressas através de símbolos, idéias, desejos de reformas políticas, sociais, religiosas não constituem tentativas verdadeiras para a solução das tarefas impostas pela realidade. O que o adolescente precisa é de um tem-

po e de uma compreensão para poder aceitar que seu corpo está transformando-se e que ele tem de, aos poucos, elaborar a perda do seu corpo infantil.

### **O luto pela identidade infantil**

É natural falar que o adolescente sofre de um “fracasso de personificação” e delega ao grupo grande parte de seus atributos e aos pais, a maioria das obrigações e responsabilidades. É aí que se situa a tão famosa irresponsabilidade da adolescência: como são os outros que se encarregam do princípio da realidade, ele, o adolescente, nada tem a ver com nada.

Esse fracasso de personificação surge pela confusão de papéis, já que não pode manter a dependência infantil e não pode assumir a independência adulta. O adolescente vive, então, entre a realidade e a fantasia; ele as confunde e isso provoca uma mudança constante de objetos. Essa confusão pode levá-lo a “despersonificar” os seres humanos, tratando-os como objetos necessários às suas satisfações imediatas. O fato de desconsiderar as pessoas e as coisas do mundo externo real faz com que muitas das relações objetivas do adolescente sejam intensas e frágeis, vivendo, assim, crises passionais e períodos de absoluta indiferença. É através do manejo dessas situações que o adolescente vai estabelecer sua identidade.

Vivendo todo esse processo, o pensamento começa a funcionar de acordo com as características grupais. Podemos perceber, então, a importância da turma e da patota. Dessa forma, é no grupo que o adolescente se sente seguro, participando da atuação, responsabilidade e culpa grupais, não existindo, no entanto, uma responsabilidade pessoal.

### **O luto pelos pais da infância**

A crise da adolescência, portanto, manifesta-se num determinado tempo, num certo espaço contido entre a família e a sociedade, e não num vácuo sem significados. A família, como um grupo social, significa o encontro de um determinado número de pessoas que convivem e que desempenham atividades e papéis. Esses papéis sociais irão

expressar a extensão da responsabilidade do adolescente, suas funções e deveres para com o grupo. Os pais, nesse caso, serão os líderes, orientadores que dão as diretrizes que devem ser aceitas e respeitadas.

Quando os filhos crescem, as verdades e as regras não se mantêm porque eles começam a pôr em questão os princípios até então aceitos como definitivos. O adolescente faz questão e necessita de renunciar a relação infantil de dependência para poder encontrar a sua identidade de adulto. E, nesse caminho, ocorre a constatação de que os pais estão sendo distanciados, formando-se para o adolescente a perda mais significativa: a perda dos pais da infância. Para as crianças, os pais são vistos como perfeitos, sem erros, fraquezas ou problemas, provedores de segurança.

É na adolescência que ocorre a constatação de que os pais nunca foram, na realidade, tudo aquilo que profundamente fora idealizado na infância. E o adolescente entra em choque com os pais, contestando inclusive sua autoridade. Também, nesse processo, é preciso que o adolescente faça o luto, elabore a perda das imagens parentais protetoras que o cercavam durante a infância. Por outro lado, os pais também entram em crise porque perdem a relação de dependência e precisam elaborar a perda dos filhos infantis. Essa situação é, muitas vezes, vivida pelos pais como abandono.

O questionamento feito pelos adolescentes, em relação ao comportamento dos pais, não significa que haja menos amor entre eles. Essa é uma necessidade típica da adolescência de encontrar, fora do convívio paterno, outras referências, outros modelos de comportamento.

### O adolescente e as drogas

Autores, como Solow e Cooper (citados por Groisman-1984) consideram o uso de drogas, na adolescência, como parte do seu problema de desenvolvimento. Acreditam que a necessidade de experimentar novidades, ter diferentes emoções, correr riscos levam o adolescente, entre outros fatores, a querer conhecer as drogas.

Dentro dos aspectos que acabamos de analisar sobre a adolescência, a droga surge como auxí-

lio no sentido de superar as inibições e ousar viver situações novas. A emergência dos impulsos sexuais é outro fator que produz ansiedade, temor e expectativa. Dessa forma, a droga pode também ser usada para anestesiá-los esses novos sentimentos, como assinalam os autores acima citados. Ela (a droga) tenderia a produzir uma satisfação em permanecer numa eterna adolescência, ou, em casos mais graves, o retorno em níveis infantis. O uso da droga, nesse período, também caracteriza a necessidade de viver num mundo sem frustrações que, ao se separar com a família, muitas vezes aumentam, e, dependendo de como se encontra a estruturação de sua personalidade, a reação terá variações, podendo chegar ao processo de dependência psíquica ou física à droga. Outras motivações para uso de drogas na adolescência: a importância do grupo, jogo com a morte e o papel da transgressão.

A droga pode funcionar, para o adolescente, como uma forma de afirmar-se dentro do grupo, em busca de sua identidade. A uniformidade grupal proporciona-lhe segurança e estima pessoal. Isso é reforçado pelo sofrimento que vive dentro do que chamamos anteriormente “fracasso de personificação”, resultante de ter que abandonar as atividades infantis e assumir responsabilidades para as quais ainda não está preparado. A tendência grupal na adolescência é muito forte; o adolescente chega a pertencer mais ao grupo do que à família, e a procura de um líder no grupo pode ser explicada pelo desejo de submeter-se ou de eleger-se como tal para poder exercer o poder do pai ou da mãe. É importante lembrar que existem regras nesse grupo, tais como: uso de roupas da moda, corte de cabelo, encontros em locais pré-determinados e até mesmo o uso de drogas.

As pesquisas epidemiológicas também têm evidenciado a importância dos modelos parentais, na construção da identidade do adolescente. Dependendo da qualidade e da natureza dos vínculos existentes entre a criança e seus pais, o adolescente vai demonstrar sua capacidade de integração nos diversos grupos sociais de que participa. O modo de subjetivação do sujeito vai, portanto, revelar sua identidade. Dessa forma, observamos que os adolescentes que tiveram pais ausentes ou pouco re-

presentativos, ficaram sem oportunidade de fazer uma sólida e estruturante identificação com seus pais, terão maiores dificuldades em suas relações posteriores, podendo, nesse caso, o uso de drogas indicar grande preocupação, por estar (o adolescente) inserido nesse contexto familiar sem referências.

Quanto ao jogo de morte, podemos estabelecer uma relação entre o uso de drogas e a manipulação da idéia de morte, fato comum em níveis de compreensão variados da adolescência. Essa idéia passa a ser uma função estruturante da personalidade adolescente, pois é no confronto com a morte que ele descobre o valor da vida, testa sua autonomia e sua liberdade, toma consciência de como tornar-se adulto e encontra ocasião de afirmar o seu eu.

Em nossa sociedade, podemos fazer uma relação entre os jovens que brincam com a morte, nas brincadeiras perigosas, nos esportes violentos, nas corridas de motos, nos “pegas” de carros etc., simbolizando uma espécie de afirmação da vontade de viver e entre os comportamentos não aceitos pela sociedade, como: anorexia nervosa, tentativa de suicídio e utilização de drogas.

No que diz respeito à transgressão, o uso de drogas pode funcionar como forma de protestar contra as normas estabelecidas, de pôr à prova a autoridade dos pais de determinar limites, de contestar o mundo dos adultos, como também pode indicar uma negação e uma recusa aos padrões sociais pré-estabelecidos, por considerá-los socialmente limitados à sua capacidade de raciocínio e atitudes adolescentes.

## Conclusão

O uso de drogas, durante a adolescência, pode ser, portanto, uma maneira de expressar a crise, o mal-estar de numerosos adolescentes. Pode também, muitas vezes, refletir como um espelho, um mal-estar maior, o de nossa sociedade. Observamos que a família, a escola, as instituições sociais e a sociedade em geral têm tido, para com o adolescente, um relacionamento impregnado de violências. Essa relação, a nosso ver, pode representar uma falta de investimento inconsciente do objeto de

amor ao qual está vinculado. A perda desse sentimento de solidariedade transforma o outro num estranho ameaçador.

A qualidade dos vínculos iniciais é fundamental na formação das primeiras identidades e têm sofrido uma crise multidimensional que afeta os fundamentos e as modalidades da vida psíquica do adolescente. O excesso de estímulos e a perda de referências internas ou externas têm levado o jovem a um estado de dissociação, fragmentação, busca de drogas e perda de controle da realidade. O que se vivencia hoje é a ampliação do narcisismo pela sedução contemporânea. Prevalece a cultura do corpo, a negativa beleza de fumar e o falso charme de beber. Estimula-se, prioritariamente, o vazio interior.

Na atualidade, a globalização atualizada, associada aos poderes econômicos e à mídia, exerce maior controle e escravidão sobre a mente humana, que tem tido, a nosso ver, um efeito agravante sobre o adolescente. Cada vez mais o jovem desestabiliza sua estrutura egóica. Como resultado, temos, então, não apenas uma crise de transição, na adolescência para idade adulta, mas uma vivência baseada na concretude do pensamento, cisões, negação da realidade, onipotência, busca da imediata satisfação dos desejos, baixa tolerância a frustrações e uso de drogas. A droga, aqui, deixa de ocupar o lugar da curiosidade, da auto-afirmação, do protesto contra as normas sociais, para denunciar a ausência de identificação e as carências imaginárias típicas do adolescente usuário de drogas. Nesse sentido, o adolescente fica limitado a trocas afetivas com o outro. Sua criatividade e seu mundo afetivo ficam empobrecidos. Sua personalidade fica mais comprometida.

Queremos, assim, deixar uma reflexão: “Qual será o futuro psíquico das crianças e adolescentes submetidos a uma estimulação maciça e precoce? Quais os benefícios e prejuízos para as mentes em desenvolvimento, quando uma sociedade transforma a arte, a religião, o corpo, os sentimentos, a vida e a morte em material de consumo? (Levinsky-1998).”

Entendemos, portanto, que não podemos, como pais, educadores e profissionais, centralizar os problemas do adolescente no uso de drogas, porque eles surgem anunciando sintomas de que

algo não está bem com suas relações sociais. Por tudo isso, em nosso contato com adolescentes usuário de drogas ou com toxicômano, não nos limitamos a fazer desaparecer os sintomas, mas permitir ao jovem oportunidades de uma reorganização interna, que lhe possibilite harmonia interior e uma interação mais saudável com o outro e com o mundo.

### Referências bibliográficas

ABERASTURY, Arminda et al. **Adolescência**. Porto Alegre : Artes médicas, 1990.

BERGET, J. Lebranc. **Toxicomanias**: uma visão multidisciplinar. Porto Alegre : Artes médicas, 1991.

BERNARD, Penot et al. **Mais tarde e agora** : Ensaio sobre a adolescência. Salvador : Álgama, 1996.

BLOS, Peter, **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. São Paulo : Martins Fontes, 1984.

GROISMAN, Moisés, KUSNETZOF, Juan Carlos. **Adolescência e saúde mental**. Porto Alegre : Artes médicas, 1984.

LEVINSKY, David Léo. **Adolescência pelos caminhos da violência**: A psicanálise na prática social. [s.l.] : Casa do psicólogo, 1998.